

**VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS:
Um romance bem sucedido.**

*Eunice Piazza Gai **

Os critérios para a classificação e valoração da obra literária não são fáceis de estabelecer. Uma maneira corrente de encarar a literatura é aquela que divide as obras em dois planos: num deles estão as denominadas eruditas, destinadas a um público seletivo com tiragens reduzidas, pouca divulgação pelos meios de comunicação e o apoio da crítica especializada; no outro plano estão as obras menores, destinadas ao grande público, com altas tiragens, muita publicidade e desprezo da crítica. Quando uma determinada obra foge a esses parâmetros, causa perplexidade. É o caso, no Brasil, de Rubem Fonseca, um autor que pode sentir-se duplamente realizado na medida em que recebe elogios de grande parte da crítica e é lido por muitos leitores. Suas obras têm sempre altas tiragens e é a editora mais sofisticada do país que detém os direitos de publicação. Seria ele um caso único? Não. Há também Umberto Eco que passa mais ou menos pelo mesmo processo. Seria, então um caso típico da chamada pós-modernidade? Provavelmente, não. Há o exemplo de Shakespeare que, tendo iniciado sua carreira literária e teatral na Inglaterra do século XVI, talvez como ator num grupo de comediógrafos ambulantes, acabou sua vida como homem abastado. Isso significa que a recepção de sua obra foi muito intensa, seja como leitura, seja como espetáculo teatral, pois é sabido que o autor viveu do teatro e de sua criação literária.

Por outro lado, a história registra uma vasta galeria de autores geniais que viveram e morreram na miséria. Cervantes, Camões, Baudelaire são exemplos entre muitos outros. E Cervantes, ao que consta, era bastante lido, principalmente o *Dom Quixote*.

A história também registra casos de autores medíocres que enriqueceram. Cite-se o exemplo dado por Robert Darnton, no livro *Boemia literária e revolução* (1987), de Suard, um dos literatos do alto iluminismo que conseguiu prestígio e sucesso, sem contudo deixar obra considerável. Seu contraponto atual seriam os autores da literatura de massa, Sydnei Sheldon, por exemplo, que pertence ao grupo dos autores rechaçados pela crítica, mas bastante consumidos pelo público.

* Doutora em Teoria da Literatura. Coordenadora de Pós-Graduação "Strictu Sensu" na UNISC.

Tais aspectos denotam a relativização dos parâmetros para classificar, situar e valorar a literatura nos seus diferentes contextos históricos. Robert Escarpit parece ter razão quando diz, em *Le littéraire et le social*, que “o mercado literário seria relativamente simples se a literatura não fosse o que ela é” (1970, p. 34).

O processo literário, de fato, não é nada simples. Há inúmeros fatores a interferir num determinado resultado atingido pela obra. Fatores de natureza histórica, ideológica, técnica; fatores individuais ligados ao escritor; elementos constituintes da história do livro, além do papel do leitor são dados importantes a serem considerados quando se pretende uma análise mais ampla ou mais completa de uma obra. Contudo, é preciso admitir a dificuldade de avaliar todos esses dados num único projeto. Esse tipo de análise exige sempre alguns recortes.

Este estudo, relativo ao romance de Rubem Fonseca, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1989), pretende encarar a obra como um processo onde, além dos elementos internos, também os externos assumem determinada relevância pelo fato de ser o que ela é: uma obra de sucesso, tanto de público como de crítica.

Diante da necessidade de realizar alguns recortes, a análise que segue privilegia, no que concerne aos fatores externos à obra, alguns aspectos relativos à sua divulgação; quanto aos internos, o papel do público leitor, conforme é tematizado literariamente, merece especial atenção.

1 - Aspectos da difusão: a mitificação do autor e o grande investimento editorial

O lançamento das obras de Rubem Fonseca é sempre cercado de muitas expectativas mercadológicas e, segundo consta, ele se tornou um fenômeno editorial a partir da publicação dos romances. Há, no entanto, um fato anterior que, certamente, contribuiu para a aceleração de sua carreira de escritor: a censura e proibição de seu livro de contos *Feliz ano novo*, pelo governo militar. A censura, ao que parece, é, paradoxalmente, poderoso meio de divulgação. Além disso, o livro foi relançado posteriormente em meio a uma enorme campanha de difusão, montada na idéia da vitória da liberdade de expressão sobre o autoritarismo.

A história pessoal do autor, cercada de mistérios e de silêncios, funciona como grande mitificadora. Rubem Fonseca não dá entrevistas e não se deixa fotografar, com raras exceções. Essas dizem respeito aos momentos de lançamento das obras, quando os jornais mais influentes do país expõem, em páginas centrais, grandes e coloridas fotos do escritor - veja-se: *Folha de São Paulo*, São Paulo,

29 mar. 1992. Caderno Mais, primeira e quarta páginas, na ocasião do lançamento do livro de contos *Romance negro e outras histórias*.

Em torno da figura de Rubem Fonseca circulam dados controversos, a maioria, especulativos, uma vez que ele não confirma nem desmente nada. Um fato relevante de sua biografia é o seu passado político: era um dos dirigentes do IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, fundado em 1961, com o intuito de defender a economia de mercado, combater o comunismo, o populismo e o perigo de radicalização do governo. Intelectuais, empresários, profissionais liberais e membros do exército formavam o IPES que, segundo Golbery do Couto e Silva, “dava nexos às conspirações contra João Goulart” (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1992. Caderno Mais). Dizem (quem?) que o autor não dá entrevistas porque não gosta de falar do seu passado.

Já outro jornalista (Danilo Ucha) que privou da companhia do escritor durante alguns dias na Alemanha, em 1985, diz: “Rubem Fonseca desmentiu com seu comportamento aquilo que eu ouvira sobre sua maneira de ser. Lembro que uma vez, há muito tempo, no sul da Bahia, alguém comentou maldosamente seu passado, porque fora policial, fez curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, trabalhou no IPES e foi diretor da Light. Houve até quem me prevenisse sobre aquele agente de direita” (UCHA, Danilo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 04 dez. 1988. Caderno D).

O jornalista segue relatando as atividades agradáveis, os passeios culturais e de lazer que realizaram juntos na Alemanha, inclusive na Alemanha Oriental, antes da derrubada do muro, onde brincaram à idéia da possibilidade de um agente comunista, tal como estereotipado pelas *Seleções*, os levasse a uma prisão de pedras pesadas e escuras. Conclui que esta tarde na Alexanderplatz talvez esteja em *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. De fato, por esses locais andaria o futuro cineasta, personagem desse romance.

Talvez fosse interessante propor uma questão: não estaria o jornalista traindo a confiança e a amabilidade de que foi alvo por parte do escritor ao divulgar, porque, afinal, divulga, repisa os fatos do passado que o autor quer apagar? Ou, ao contrário, será que o autor quer mesmo apagar esse passado?

O *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro, 24 abr. 1990. Caderno 2) especula sobre o assunto de um novo livro de Rubem Fonseca: “a história de paixão e dor do marinheiro Joseph Conrad” é o que arrisca, levado pelos rumores que ocorrem nas editoras e esclarecendo: “muitos escritores evitam antecipar o assunto de seus livros em elaboração. No caso de Rubem Fonseca, a obsessão pelo sigilo é total. A ponto de dar margem à criação de um mito em torno da figura do escritor”. A reportagem se refere ainda à dificuldade de obter informações a respeito do autor, razão pela qual os jornalistas procuram amigos e conhecidos dele, na

tentativa de montar um retrato mais próximo da realidade; a essa forma de obter informações, a reportagem dá o nome de retrato falado. O último (em 1990) revela que Rubem Fonseca lê um livro por dia, vê um filme por dia, faz cooper, anda de bicicleta todas as manhãs e ainda encontra tempo para escrever, ouvindo música de rock. Como foi possível observar posteriormente, a reportagem desse jornal falhou, pois o assunto da ficção de Rubem Fonseca, na época, era Getúlio Vargas; serviu, no entanto, para chamar a atenção, um primeiro comercial, talvez, do livro que seria lançado mais tarde, no final do ano.

Outros dados biográficos do autor são registrados pela reportagem do jornal *Zero Hora*, acima referido, a respeito das preocupações ecológicas do autor. Segundo a reportagem, ele sai anonimamente pelo Rio de Janeiro de pá e vassoura cuidando de árvores maltratadas. Além disso, gosta de falar sobre o seu sítio quase selvagem na serra da Bocaina, onde procura manter um santuário de flora e fauna.

É interessante observar que as atividades e preferências do autor, aventadas nas reportagens, coincidem com as preocupações de um determinado público ou camada social mais ou menos bem situada economicamente, pretensamente ilustrada e cujo universo de valores, em geral, se limita ao que está na moda; é a preocupação com a ecologia, o culto do físico, o rock...

Assim sendo, o que se tem são dados controversos, especulações em torno da figura do autor que contribuem para formular um quadro mítico a seu respeito: é um indivíduo exótico, do qual pouco se sabe e tudo o que se sabe pode não ser verdade. É quase um fantasma.

Esses aspectos são aproveitados como "marketing" e a cada novo lançamento, a imprensa acaba por retornar aos mesmos dados (os únicos que possui?) e repeti-los. A aura de mistério em torno da figura do escritor está definitivamente traçada. Isso é reforçado na medida em que a idéia de que a arte independe das posições ideológicas do escritor é sempre reiterada e contribui para a fixação do retrato de um Rubem Fonseca, um cidadão, um artista acima de qualquer suspeita; e o êxito de mercado está aí para tapar a boca de algum crítico mais impertinente e dizer que ele implica baixa qualidade literária é puro preconceito, reminiscências da era acadêmica, anterior aos meios de comunicação, ao pós-modernismo que veio para salvar as massas da total ignorância.

Ainda, analisando os dados extraliterários, é preciso aludir aos elementos especificamente editoriais a respeito do romance em questão. *Vastas emoções* foi apresentado em grande campanha publicitária criada pelo "golden boy" da publicidade brasileira, Washington Olivetto. A editora Companhia das Letras investiu dez milhões de cruzados na divulgação do livro e fez uma edição inicial de quarenta mil exemplares. São dados da reportagem do jornal *Zero Hora*, na

edição já citada anteriormente. Até março de 1992, mais de cem mil exemplares do livro haviam sido vendidos, conforme reportagem da *Folha de São Paulo*, também já citada.

Observa-se também que os livros de contos do autor têm tiragens menores sendo que o *Romance negro e outras histórias* teve uma tiragem de quinze mil exemplares apenas. Os romances *Vastas emoções* e *Agosto*, os que mais venderam até o momento, foram lançados no final do ano, período de férias da maioria do seu público leitor e, certamente, vulnerável aos conselhos da mídia.

2 - A representação do público na obra ou as razões intrínsecas do sucesso de Rubem Fonseca

O conceito de público não é tão fácil de delimitar. Segundo Hauser, não existe um público coletivamente receptor de arte; tampouco existe um conceito de público como unidade espiritualmente ativa. Na sua perspectiva dialética de que o público está representado na obra, a conclusão é óbvia: nunca houve uma arte homogênea porque nunca houve um público uniforme. Essa visão corresponde a uma sociedade onde a divisão em classes sociais é mais nítida, anterior à eficácia homogeneizadora dos meios de comunicação de massa.

Conforme Adorno e Horkheimer em *Dialética do esclarecimento* (1985), no público da era das comunicações de massa o específico do ser humano acabou por se tornar universal e totalitário, a partir da utilização e do papel desempenhado pelo rádio:

Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração (p. 156).

As pessoas acabam por esforçar-se ao máximo para corresponder ao modelo apresentado pela indústria cultural, segundo os dois autores.

Eduardo Subirats (1989) também classifica o público contemporâneo como homogêneo, fato visível através do interior das casas padronizadas e tediosas; a televisão como célula da unidade industrial de existência; a perda da autonomia da experiência, que permitia a especificidade de públicos. Além disso, segundo o autor, a mídia é o meio de realização da consciência de si. Uma consciência assim gerada tende a ser uniforme e unificadora.

A abordagem dos elementos intrínsecos do romance *Vastas emoções* passa pela identificação do público leitor na construção da obra. Trata-se de verificar de que forma ela tematiza o público.

Para verificar esse aspecto, é necessário recorrer tanto às formulações de Hauser, quanto às de Subirats, Adorno e Horkheimer; por um lado, numa sociedade estratificada há sempre uma diferença de público, por menor que seja, mesmo sendo dominada pela mídia, afinal, a renda é desigual e a formação cultural pode ter nuances diferenciadoras; por outro lado, mesmo o público das sociedades tende a se homogeneizar cada vez mais, na medida em que se orienta pelos meios de comunicação de massa e é, conseqüentemente, uniforme em suas reações, em seus gostos, até em seus sonhos.

O texto de Rubem Fonseca tematiza os anseios e os sonhos deste público, diferenciado em relação ao todo social, mas homogêneo em termos de aspirações e valores oriundos de sua formação cultural específica e da sua vivência na sociedade midiática. Em termos mais específicos, pode-se dizer que é o público brasileiro que forma a classe média letrada e ou pseudoleturada que está representado na obra de Rubem Fonseca.

As fronteiras entre o público letrado e pseudoletrado são difíceis de traçar. Essas designações, juntas, permitem uma elasticidade maior na catalogação do público leitor no romance em questão. Em termos gerais, seria um público que se diferencia pelo seu nível de escolarização e informação. O romance assimila os dois tipos de público; ao primeiro oferece um espetáculo ficcional digno de representar os seus sonhos de liberdade sexual, muito dinheiro nas mãos, sem o conseqüente esforço para consegui-lo, liberdade para viver em função de uma paixão artística, agilidade para movimentar-se num ambiente sofisticado, assimilação desse ambiente, no caso, o europeu, com as suas realizações artísticas, culturais e culinárias. Esse é o sonho de todo o brasileiro letrado e não menos o do pseudoletrado. Além disso, a violência, embora mais diluída nessa obra, mas igualmente presente, e o cinema, figurando como motivo paralelo na trama romanesca, são fatores relacionados ao contexto social e urbano atual. O suspense, a aventura policial, o crime também são elementos de penetração num público menos erudito.

Ao fim de contas, o herói de *Vastas emoções* é um herói positivo, no sentido

em que a tradição literária o compreendeu. É aquele que vence todos os obstáculos para ir em busca do seu ideal. Se não enfrenta os animais e perigos da selva natural é porque esta não existe mais em estado puro ou mitificado. Esses caracteres passaram a pertencer a outro tipo de ambiente: a cidade grande, a selva artificial da qual o indivíduo não conhece todos os perigos. Embora burlado na consecução de seu ideal, não é propriamente um personagem problemático na sua relação com a sociedade em que vive. Não tem problemas, nem conflitos morais em relação à sua atitude diante do social e sua indiferença é indício de superioridade. Os conflitos encarnados pelo personagem são de origem existencial e individual.

O romance *Vastas emoções* focaliza um cineasta carioca (o narrador) que pretende filmar, na Alemanha, um conto de Babel, escritor judeu-russo que sofreu os expurgos stalinistas. Mas, para tanto precisa apropriar-se dos originais que Babel estaria escrevendo quando foi capturado por eles. A posse do texto, tal como a do Santo Graal, exige uma heroicidade épica. O romance trata ainda do desaparecimento do diamante Florentino, no começo do século. Nesse caso, desvenda o mistério em torno do fato, através de uma narrativa policial cheia de percalços e de onde o personagem sai ileso. A sociedade carioca com o carnaval, o contrabando e o crime figura como pano de fundo da obra.

Veja-se, a partir do texto, como a voz do narrador pode ser a voz do público leitor aí representado:

Não gosto de televisão. Admito que a televisão seja o meu futuro e o de todos os cineastas, lamentavelmente. Cenário sombrio: a televisão, depois de assegurar sua posição de principal veículo de lazer e informação, torna-se o único meio de comunicação de massa, mantido por cretinos e/ou aproveitadores sinistros, que produzem uma gratificação espúria e emocionalmente deletéria para um público passivo e apático facilmente manipulável por demagogos (1989, p. 22).

Não gostei do cenário. Reforçava o preconceito existente contra a cultura de massa. Para que falar mal da cultura de massa? Ela reflete e expressa valores morais e estéticos da maioria dos indivíduos, influenciando, por seu turno, idéias, sentimentos e comportamentos destas mesmas pessoas, numa

circularidade corrupta. Evidentemente os empresários da cultura de massa só pensam em lucro. Mas não é essa a melhor maneira de produzir qualquer coisa? (...) Qual o artista, pensador, cientista que não pensa em alguma forma de lucro ao exercer sua atividade? (1989, p. 22).

Nesses dois textos, que se seguem na narrativa, pode-se perceber a consciência do público letrado contemporâneo diante dos meios de comunicação. É a atitude dúbia e típica do intelectual que, ao mesmo tempo em que reconhece os problemas deles advindos, não se livra da sua influência.

Note-se também a concessão que o narrador faz a cada leitor, à mentalidade média do público: quem é que não pensa em lucro? até o artista, esse ser supra-humano pensa no lucro; aí está uma visão nada subversiva da literatura, corroborada pela constituição do herói que também não é nada perigoso. Afinal, ninguém, em sã consciência, rasgará dinheiro algum dia, por mais que a literatura multiplique esse tipo de herói.

Quando o personagem chega na Alemanha, é assim que descreve o hotel que lhe reservam:

(...) era simpático. Havia no banheiro pasta e escova de dentes. Sobre a mesa de quarto, uma garrafa de vinho e uma cesta grande com frutas. Docinhos na mesinha de cabeceira (1989, p. 114).

Ainda na Alemanha, o narrador priva da instigante, bela e culta companhia de Verônica. Também recebe convites e vai para um balé no Nationaltheater Nunchen:

O almoço foi numa sala íntima, na verdade um salão, onde Plessner costumava almoçar com seus convidados. Duas mulheres altas e bonitas, irrepreensivelmente maquiadas e penteadas, vestidas com elegância, nos serviam (1989, p. 139).

O herói e sua companheira Liliansa, em Paris, jantam no restaurante La Coupole:

*O restaurante estava cheio.
"Vou comer apenas ostras com vinho branco",
disse Liliansa
Também bebi um pouco.
Liliansa comeu duas dúzias de ostras (1989, p. 200).*

As citações acima exemplificam alguns dos sonhos do público leitor de Rubem Fonseca, aqui expressos pela voz do artista. Nesse sentido, é literatura de evasão, simulacro; ali mora a ilusão do real.

A crítica, em geral, aponta a erudição como fator importante nessa obra. Tenta mostrar que o autor consegue uma síntese perfeita entre a erudição e o popular e, perplexa, trata de explicar o milagre da obra: apesar dos muitos elementos eruditos, o grande público, que não é tão erudito, consome a obra. Mas a explicação talvez esteja no fato de que tais elementos são mais informativos do que reflexivos, sendo que as informações contidas no próprio texto ficcional são suficientes. Algo do agrado do público leitor contemporâneo que não tem muita paciência, nem tempo, nem disposição para grandes aprofundamentos e reflexões.

O livro de Rubem Fonseca, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, já se define no próprio título: são as emoções vastas e os pensamentos imperfeitos o seu objeto, a sua "hipótese". É obra de ficção, onde as emoções, de fato, não faltam.

Assim, as razões do sucesso da obra podem ser explicadas a partir da análise dos elementos extrínsecos e intrínsecos da obra. Um tratamento editorial sofisticado ao lado da mitificação do autor são poderosos elementos para induzir ao consumo de arte a sociedade contemporânea. Por sua vez, a obra, com seus elementos intrínsecos perfeitamente coadunados ao gosto de um público determinado, completa o resultado, pois ali, a voz do artista é o sonho do público.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. W., HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ESCARPIT, Robert. *Le littéraire et le social*. Paris: Flammarion, 1970.

FONSECA, Rubem. *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAUSER, Arnold. *Sociologia del arte*. V. 4. Barcelona: Labor, 1977.

SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*. São Paulo: Nobel, 1989.

JORNAIS

Folha de São Paulo, São Paulo, 23 mar. 1992. Caderno Mais.

Zero Hora, Porto Alegre, 04 dez. 1988. Caderno D.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 abr. 1990. Caderno 2.